

Clube dá US\$ 3,8 bilhões

FRANCISCO GUALBERTO



Delfim acompanhou Salomon até a porta da Seplan

Paris - O Brasil obteve ontem na capital da França o reescalonamento de cerca de 3,8 bilhões de dólares de sua dívida externa em vez dos aproximadamente 2,3 bilhões que oficialmente estavam em negociação com os 16 países ocidentais que formam o Clube de Paris. O resultado assombrou pela extensão da diferença entre as duas cifras, perto de 1,5 bilhão de dólares, que foram somados em menos de dois dias de negociações à quantia inicialmente anunciada. (Normalmente, nas negociações do Clube de Paris, acontecem diferenças entre as cifras das partes negociadas, mas nunca em tal extremo). A Inglaterra recusou-se a participar.

Apesar da surpresa que possa provocar à primeira vista, as autoridades brasileiras não tinham conhecimento da totalidade dos empréstimos que estavam garantidos pelos Governos, explicou um dos negociadores europeus do Clube de Paris, acrescentando que certos créditos registrados pelo Banco Central não especificam que contavam com a garantia governamental e por isto a cifra anunciada inicialmente era tão inferior à finalmente acertada. A inexatidão dos dados iniciais explica-se - segundo o negociador - porque os créditos à exportação, que formam a maior parte da soma negociada em Paris, estão sujeitos a normas muito complexas e que diferem de um País para outro.

O negociador acrescentou que não se tratava de um "segredo" mantido até aqui pelos brasileiros e seus credores mas que foi resultado da verificação de dados levados à reunião do clube pelos

representantes de cada Governo credor, frisando que o montante exato dos aproximadamente 3,8 bilhões de dólares reescalonados só será anunciado no final das negociações bilaterais que — sobre o capital e os juros — o Brasil iniciará com os países credores em dezembro próximo na esperança de conclui-las até junho de 1984.

O acordo assinado ontem pelo Brasil e pelo Clube de Paris estabelece que 85 por cento da dívida será reembolsada aos credores em quatro anos, mas após um período de carência de cinco que os outros 15 por cento serão pagos em duas formas: cinco por cento já e os outros 10 em três anos a partir de janeiro de 1985.

Na entrevista coletiva concedida no final das negociações, o ministro da Fazenda, Ernane Galvães, declarou-se satisfeito com o resultado, acrescentando que o financiamento da balança de pagamentos brasileira para 1983 e 84 está "definitivamente comple-

to".

O presidente do Clube de Paris e diretor do tesouro francês, Michael Camdessus, destacou que os governos ocidentais credores foram "sensíveis" aos esforços de reequilíbrio do Brasil e que decidiram dar uma contribuição "positiva" aceitando um "reescalonamento importante" de sua dívida externa. Segundo Camdessus, os nove anos de prazo concedidos ao Brasil não representam "condições anormais" de reescalonamento mas são consequência de um estudo pragmático feito segundo as normas do Clube de Paris de "caso por caso".

Resta ver - comentam os observadores - quais serão as condições de reembolso que os governos envolvidos exigirão do Brasil nas negociações bilaterais. Por enquanto, existe a impressão de que o Brasil obteve mais do que o previsto ao reescalonar 3,8 bilhões de dólares em vez de 2,3 bilhões.

O ministro Galvães mostrou-se prudente. Quando indagado se o sensível aumento da soma reescalonada representava "uma agradável surpresa", sorriu dizendo: "Eu não diria isso. Diria que foi um resultado positivo". E quando foi comentado com um negociador europeu que 1,5 bilhão mais do que previsto é uma soma "imensa", ele respondeu, também sorrindo: "Mas a dívida do Brasil também é imensa..."